

O INTÉRPRETE DA ORALIDADE EM LÍNGUA INGLESA _ DOS PRIMÓRDIOS À PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA ESPECIALIZADA NO ENSINO SUPERIOR

Roberto Carlos Bastos da Paixão (Faculdade Atlântico)
Gilvânia Alves Matos (Faculdade Atlântico)

O profissional da interpretação oral em línguas estrangeiras é o detentor de um papel preponderante em várias situações do cotidiano no mundo inteiro. Há sempre eventos acontecendo por toda parte do mundo, sejam eles nas áreas artística, do direito, da economia, da medicina, da política, da tecnologia, etc. Há uma sede cada vez maior por parte de milhares de pessoas em participar do que acontece na sociedade. Por outro lado, sente-se também a cada dia diminuir a distância que havia entre povos e nações.

Os primórdios desse trabalho de interpretação entre pessoas de diferentes idiomas começaram muito precariamente, como é exemplo o caso do Brasil. Quando os portugueses aqui aportaram, tudo era desconhecido e foi com a ajudada de degredados, entre eles, Afonso Ribeiro e Diogo Dias.

A tentativa de recuperar e até mesmo compor a historiografia da atividade de interpretação oral é um trabalho que se mostra penoso, até pelas características da atividade. A ausência de tecnologia avançada impediu os competentes registros e muito ficou perdido ao vento dos séculos.

O objetivo principal desta pesquisa bibliográfica é o de esboçar traços da história da interpretação oral em Língua Inglesa.

A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA

A dificuldade maior em se dedicar a uma investigação sobre o tema aqui exposto encontra-se mencionada na tese de doutorado de Pagura (2010, p.17), quando o estudioso reitera que “existe pouca tradição em historiografia da tradução e da interpretação, havendo poucos pressupostos teóricos a se tomar como base”. Tais estudos aparecem classificados pela sigla DTS (estudos descritivos) e são realizados

tomando como ponto de partida de textos traduzidos. (PAGURA, 2010 *apud* HOLMES, 1972). Acrescente-se que “Holmes divides the discipline into two major areas: pure translation and applied translation studies”. Pym and Turk *apud* Baker, 1994, p. 227)¹.

A argumentação de Pagura e mais outras, de diversos autores, sempre estão, em geral, mencionando a tradução escrita para daí adentrar pelos aspectos da interpretação oral cuja distinção da tradução escrita apresenta características notáveis. A interpretação oral é realizada durante o ato da fala, do momento da comunicação enquanto que, a tradução escrita pode ser revista e reavaliada pelos sucessivos retornos de releitura do texto impresso. A teoria do processo da comunicação é bastante explícita quando perfila as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita.

Com a intenção de clarear o panorama relativo aos princípios dos estudos da história da oralidade, Pagura (2010) ajunta autores do porte de Lang, Meihy, Ferreira, Joutard, Corrêa, Ritchie, Yow, Weber, Thomson e outros, para, a partir do cotejamento de suas afirmações, declarar identificar-se com todas as questões levantadas por Koskinen e Gile. De Koskinen *apud* Pagura, o conceito criado por Daniel Gile pelo qual descreve praticantes de interpretação interessados em teorização pode ter também contribuído para a ênfase crescente na orientação para a prática nos estudos da interpretação, enquanto que os estudos da tradução são mais propensos à “teorização de poltrona”

A tradução e a interpretação no contexto do Romantismo (século XIX) na literatura alemã e a importância do pensamento de Schleiermacher são evidenciadas por Atkinson. Esse filósofo e teólogo alemão, trabalhou suas ideias a respeito “da tradução com base na teoria de interpretação (hermenêutica)”, fundamentada nos ensinamentos de Herder sobre o comportamento da linguagem.

Berlitz (1988, p. 51) informa que, durante o período da Segunda Guerra Mundial, Churchill usava a língua inglesa de tal sorte a elevar o moral e permitindo aos ingleses que resistissem contra a Alemanha nazista no momento em que a Inglaterra ficou abandonada depois da queda da França. Tornou-se, então, notável um conjunto de expressões que serviam para manter vivo o orgulho naqueles que as ouviam, a exemplo de “sangue, trabalho, lágrimas e suor”.

E, ao raiar do século XX, a partir de significativas mudanças tanto no âmbito dos estudos da tradução quanto da interpretação, Atkinson (2011, p. 28) ressalta a evolução

tecnológica que aproxima as duas atividades: tradução escrita e interpretação da oralidade, inclusive, simultânea. Especificando sobre o “nascimento” da interpretação, a autora volta a citar (p. 28) Schleiermacher e a ausência de um “tratamento sério” que se estende por séculos, sendo este fato computado às características e especificidades da oralidade, tais quais “a intangibilidade da palavra falada, além da co-dependência entre fala, contexto, local, outras partes envolvidas, etc.”.

Mais que notório é o fato de ser o primeiro documento sobre o Brasil, a *Carta de achamento*, escrita por Pero Vaz de Caminha, dando notícias ao reino português sobre a nova terra descoberta. E este importante registro assemelha-se a um ato de tradução (no sentido da oralidade) quando se reporta e descreve como os portugueses faziam para conseguir comunicar-se com os indígenas por meio de gestos. Entra em cena, então, a figura de Afonso Ribeiro, um deportado que foi entregue aos índios com o objetivo de aprender a linguagem desses habitantes nativos do Brasil. Esses são, ao que parece, os fatos iniciais das nossas atividades interpretativas da oralidade. Há outros casos como os de João Ramalho e Diogo Álvares, naufragos nas costas brasileiras (BAKER, 1998, p. 331).

E o Capitão mandou àquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados, que fossem lá andar entre eles; e assim a Diogo Dias, por ser homem ledado, com que eles folgavam. Aos degredados mandou que ficassem lá esta noite. (Excerto da Carta de Pero Vaz de Caminha, in Olivieri e Villa, orgs. 2002 p.23).

Entretanto, a respeito das interpretações da oralidade, processadas em conferências, a

[...]mais próxima do que conhecemos atualmente teve início com a Primeira Guerra Mundial. Anteriormente, as negociações internacionais eram realizadas basicamente em francês, uma vez que essa era a língua comum aos diplomatas da época. Foi o que aconteceu, por exemplo, no famoso Congresso de Viena, realizado em 1814-1815. Com a entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra, torna-se necessária a interpretação entre inglês e francês, uma vez que alguns dos representantes americanos, como também os da Inglaterra, não falavam francês com a fluência necessária para as negociações. Considera-se que o primeiro dos intérpretes modernos foi Paul Mantoux. Nascido e educado na França, era professor do University College, de Londres. Foi o principal intérprete das conferências realizadas na França imediatamente após a Primeira Guerra, que negociaram o Tratado de Versalhes. Pagura, 2003, sem numeração de página.

Segundo faz constar Oliveira (2005, p. 2), “(...) um dos postos mais estratégicos e necessários para a própria sobrevivência da Coroa Portuguesa era o de Intérprete e Tradutor”.

No Brasil, a primeira nomeação de Intérprete saiu com o Decreto de 10 de novembro de 1808, assinado por D. Fernando José de Portugal, depois Conde de Aguiar, que ocupava a pasta dos negócios do Brasil. Considerando “indispensável hum Interprete para a visita dos navios Estrangeiros que entrão neste Porto” _ o Rio de Janeiro _, A lei nomeava Ildefonso José da Costa, pela sua “conveniente aptidão”, com o ordenado anual de 400.000 réis (BRASIL, 1836 apud OLIVEIRA, 2005).

Outro professor de Língua Inglesa, este exerceu suas atividades na Academia Real Militar do Rio de Janeiro, foi Eduardo Thomaz Colville, “nomeado pelo Decreto rubricado pelo Príncipe Regente e datado de 30 de maio de 1809 [...]”. (Oliveira, 2010, p. 121)

A FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO INTÉRPRETE ORAL EM LÍNGUA INGLESA

De Paul Mantoux para cá, a necessidade de intérpretes só aumenta e, mais preponderantemente com a afirmação do contexto da globalização unida ao avanço tecnológico que imprime uma mudança radical e veloz na sociedade. Surgiram os blocos econômicos internacionais, avança a medicina nos grandes centros de pesquisa, ampliam-se as fronteiras do Direito Internacional e o que antes era sonho e mistério virou a mais límpida realidade. Negócios de toda sorte e o desenvolvimento do turismo, além de vários outros setores da civilização, precisam a cada dia mais do profissional da interpretação oral em centenas de língua, apesar da conhecida posição da Língua Inglesa como língua comercial e a mais reconhecida por incontáveis países, do Ocidente ao Oriente.

Entretanto, cumpre notar que, no âmbito acadêmico, já existem cursos de Letras modificando seus perfis e abrindo ênfase para a formação de tradutores da escrita e de intérpretes da oralidade.

Os primeiros intérpretes atuantes em Nuremberg, na ONU e na CECAⁱⁱ foram formados na prática. Nos meios profissionais, diz-se que esses intérpretes

foram "formados" pelo método "sink or swim", expressão em inglês que significa literalmente "afogue-se ou nade", e que se refere ao fato de que os intérpretes simultâneos eram colocados na cabine para interpretar sem que recebessem previamente qualquer treinamento formal. Pöchhacker (1992, p. 212), *apud* Pagura 2003.

A necessidade se amplia e as especializações se multiplicam. Já são conhecidas as atividades dos Intérpretes especializados em Terminologia Médica ou “Intérpretes Médicos”, conhecidos como *Medical Interpreters* nos E.U.A. Profissionais treinados em Terminologia Médica, não havendo a obrigatoriedade de serem médicos ou mesmo exercerem algum outro tipo de atividade profissional da área da saúde (FLEURY, 2010, p.1).

Acerca da formação do Intérprete, tudo indica que o trabalho mais denso é o de Pagura (2010) que se dedica a detalhar o tema em vinte itens de sua tese de doutorado, orientada por John Milton. O estudioso abre o panorama internacional, faz menção à bibliografia para o ensino da interpretação, relaciona cursos de formação de intérpretes no Brasil e ressalta que professores de interpretação devem ser também intérpretes. Quanto ao item bibliografia, evidencie-se a carência nesse setor, tendo sido “a reflexão teórica mais ampla sobre a questão” que ficou registrada no NATO Venice Symposium e, Além disto, “simpósios e colóquios, que começam a se realizar a partir de 1965, com o encontro realizado pela AIIC, denominado “Colloque sur l’enseignement de l’interpretation (...)” Associação Internacional de Intérpetes de Conferência. (Pagura, op. Cit., p. 154 *apud* Mackintosh, 1965)

Depois disto o panorama foi se modificando para melhor e outros estados já oferecem a formação acadêmica, a exemplo de São Paulo, Rio Grande do Sul e casos também de outras iniciativas, conforme inclui ainda Pagura _ que ressalta ser a acessibilidade aos cursos de formação “a competência linguística” e a “maturidade intelectual”

A PROFISSÃO E O MERCADO DA INTERPRETAÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

A decisão por um curso ou uma profissão tem direta ligação com os dons e as habilidades dos candidatos às diversas carreiras oferecidas pelas universidades. O mercado apresenta novas feições a partir do avanço tecnológico e das extremas modificações por que passa a civilização moderna. A competitividade exige cada vez mais a especialização dos concorrentes aos diversos postos, muitos que não são preenchidos por falta de preparação dos aspirantes a um espaço em diversos setores. A apresentação de um currículo expressivo impressiona empregadores e é uma condição *sine qua non* os candidatos podem ficar fora das vagas, caso não preencham os requisitos de uma história de formação de qualidade e alto nível. Da mesma sorte ocorre com respeito às expectativas sobre os profissionais da tradução escrita e da interpretação oral.

Aumentou a ligação entre os países, principalmente a partir dos movimentos recentes da economia globalizada com a formação de grupos econômicos que envolvem países de todo o planeta. Os salários são promissores e na mesma proporção se exige do postulante aos empregos uma preparação da mais alta competência, mormente o profissional que tem que comunicar-se falando com profissionais da economia, do direito, da medicina, do turismo e de todas as outras áreas. A situação profissional do profissional da interpretação, nos Estados Unidos, tem algumas diferenças em comparação com o Brasil e lá se exige mais o desempenho do que a especialização.

Work environment. Interpreters work in a wide variety of settings, such as schools, hospitals, courtrooms, and conference centers. Translators usually work alone, and they must frequently perform under pressure of deadlines and tight schedules. Technology allows translators to work from almost anywhere, and many choose to work from homeⁱⁱⁱ (U.S. BUREAU, 2011).

Esse mercado de trabalho que também comporta as funções de tradutor e de intérprete juramentados apresenta inúmeras possibilidades em virtude das necessidades que não cessam de apontar por toda parte e pelo mundo inteiro.

E é a competente palavra de Pagura (2010) que garante que a interpretação se consolida como profissão no Brasil com criação da Associação Paulista de Intérpretes de Conferência (APIC), o aprimoramento do relacionamento entre colegas intérpretes, a presença nos grandes e importantes eventos realizados no Brasil, a comoditização da profissão, a charmosa figura do intérprete na mídia. Esse autor aponta o Sul e o Sudeste

com uma situação do intérprete e sua profissão mais organizada do que no Norte e Nordeste do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda é um campo aberto o dos estudos acadêmicos sobre a tradução escrita e, mais ainda, a interpretação oral em Língua Inglesa. A sociedade sempre utilizou dos serviços de abnegados profissionais e, só agora, a partir das movimentações promovidas em todo o mundo civilizado/globalizado é que novos horizontes se ampliam, cursos são criados e grades curriculares de Cursos de Letras _ a rigor de formação para o magistério _ têm passado por modernização em função da especialização, inclusive no Brasil, privilegiando a formação acadêmica voltada para aqueles estudos citados inicialmente.

A formação acadêmica e profissional, tanto de tradutores da língua escrita quanto de profissionais da interpretação oral em Língua Inglesa exige uma preparação especializada que auxilie os profissionais a desempenharem bem estas funções. Outros países, a exemplo dos Estados Unidos e outros da Europa já estão definidos neste setor e o Brasil também caminha para a específica formação de profissionais tradutores/intérpretes.

Cada uma dessas atividades depende não apenas do dom natural, mas principalmente de treino direcionado por serem habilidades distintas. Pode ocorrer de um indivíduo desenvolver naturalmente as duas habilidades e funções, entretanto, em geral, quem se dedica à tradução não se torna um intérprete da oralidade. As atividades de interpretação oral de uma língua estão inclusive direcionadas ao mesmo tipo de exercício com relação à Língua de Sinais para as pessoas portadoras de deficiência oral/auditiva nascidas e vivendo em países falantes e escreventes de determinado idioma.

Cresce a cada dia a demanda por profissionais tanto da tradução escrita quanto da interpretação oral, atividades que apresentam um leque de opções muito amplo, em geral, as ofertas de trabalho oferecem salários altamente significativos.

Tendo em vista estas razões apresentadas, consideramos da maior importância a pesquisa e o aprimoramento dos estudos da tradução escrita e da interpretação oral, sendo esta a meta prioritária do presente artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, Rebecca Frances. **O intérprete em seu meio profissional**. Por uma voz mais alta. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/teses_abertas/0410526_06_pretextual.pdf. Acesso em: 17.mar.2011.

BAKER, Mona. “**Translation Studies**” In: BAKER, Mona (Ed). Routledge Encyclopedia of Translation Studies. London/New York: Routledge, 1994, p. 277.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves e WYLER, Lia. **Brazilian Tradition**. In: BAKER, Mona (ed.) Routledge Encyclopedia of Translation Studies. Londres: Routledge, 1998, p.331.

BERLITZ, Charles. **As línguas do mundo**. Tradução de Heloisa Gonçalves Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FLEURY, Marcos. **Intérpretes Especializados Em Terminologia Médica**: Uma nova opção de carreira. (2010) Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.artigonal.com/print/1920859>. Acesso em: 17.mar.2011.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. (2005). **As origens da profissão de tradutor público e intérprete comercial no Brasil (1808-1943)**. Claritas: revista do Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo v. 11, n. 2, pp. 25-41. São Paulo: EDUC. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 23.mar.2011.

_____, (2010). **Gramatização e Escolarização**: contribuições para uma história do ensino das línguas no Brasil (1757-1827). São Cristóvão: Ed. UFS, 2010.

PAGURA, Reynaldo. **A interpretação de conferências**: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. DELTA, São Paulo, v. 19, n. spe, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300013&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Mar. 2011. doi: 10.1590/S0102-44502003000300013.

_____. **A Interpretação de conferências no Brasil**: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros. São Paulo. 2010. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../2010_ReynaldoJosePagura.pdf. Acesso em: 24.mar.2011.

U.S. BUREAU OF LABOR STATISTICS, Occupational outlook handbook, 2020-11 Edition. Disponível em: <http://data.bis.gov/cgi-bin/print.pl/oco/ocos175.htm>. Acesso em: 19.mar.2011.

NOTAS

ⁱ Holmes divide a disciplina em duas áreas principais: Tradução pura e estudos da tradução aplicada. (Pym and Turk *apud* Baker 1994) (tradução nossa).

ⁱⁱ Comunidade Européia do Carvão e Aço.

ⁱⁱⁱ **Ambiente de trabalho.** Os intérpretes trabalham em uma grande variedade de ambientes, tais como escolas, hospitais, tribunais e centros de conferência. Tradutores geralmente trabalham sozinhos, e eles têm que freqüentemente executar prazos e horários apertados sob muita pressão. A tecnologia permite que tradutores trabalhem de quase qualquer lugar, e muitos optam por trabalhar no ambiente de suas casas (tradução nossa).